A constituição interdisciplinar da Sociolinguística

Daniel Marra[1], Sebastião Elias Milani[2]

[1]Doutor em Letras e Linguística – UFG. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO.
[2]Doutor em Semiótica e Linguística Geral – USP. Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, FL-UFG.

Resumo: Mostra-se neste artigo a interação entre pesquisadores ligados a áreas diversas como a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e argumenta-se que a Sociolinguística se constituiu, também, a partir dos construtos fornecidos por essas áreas e pelos estudos dialetológico-geográficos. Mostra-se, além disso, com base em estudos de cunho historiográfico-linguísticos de autores como Konrad Koerner, Roger Shuy, Louis-Jean Calvet, Stephen Murray, que o surgimento da Sociolinguística na década de 1960 nos Estados Unidos é o resultado do desenvolvimento dos estudos linguísticos europeus do final do século XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Sociolinguística, Interação interdisciplinar, Historiografia-Linguística

1. INTRODUÇÃO

A Sociolinguística como campo de estudo ou como disciplina acadêmica teve seu desenvolvimento a partir da década de 1960 nos Estados Unidos. Certamente, o interesse pelos aspectos sociais da linguagem, isto é, na interação entre língua, estrutura e funcionamento da sociedade, esteve presente nas discussões de outras épocas. Deve-se, contudo, dizer que seu estudo formal tem seu ponto de partida no período mencionado.

Peter Burke (1993), ao pôr em perspectiva o século XX, assinalou a necessidade de aproximação de algumas áreas de conhecimento que tinham nas relações dos indivíduos com a sociedade seu objeto de estudo. Esse processo de interação entre essas áreas do conhecimento aconteceu de forma que os avanços alcançados por uma área pudessem reforçar ou legitimar os achados de outras e, assim, os campos obtivessem maior entendimento das relações entre os indivíduos e as instituições sociais. A atenuação das fronteiras entre diversas áreas do conhecimento humano acontecia de forma que umas oferecessem respaldos teórico e metodológico a outras e, nesse processo interdisciplinar do fazer científico, possibilitassem um entendimento mais amplo do objeto estudado.

Quando se focaliza o desenvolvimento dos estudos linguísticos realizados por pesquisadores norte-americanos, a partir da década de 1960, percebe-se que, frequentemente, o desenvolvimento de novas teorias linguísticas buscava compreender os fenômenos advindos da relação língua e sociedade. A sociedade norte-americana dessa década atravessava um período de crescentes problemas relacionados à segregação racial, à educação e à estruturação social. Pesquisadores ligados à Sociologia, à Antropologia e à Linguística buscaram aproximar essas áreas com o objetivo de conhecer mais bem tais problemas e desenvolver instrumentos que os solucionassem. Da interrelação dessas disciplinas, começaram a surgir, dentro do campo da Linguística, pesquisadores que se denominavam sociolinguistas, sociólogos da linguagem, etnógrafos da fala, dentre outros.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo é orientado pelos postulados da Historiografia-Linguística. Esta subárea da Linguística, ao fazer uso do método da Historiografia, busca compreender e explicar os fatores que permitiram a produção do pensamento linguístico num espaço e num tempo e as relações entre os indivíduos que produziram o conhecimento e com o mundo em torno de si.

Konrad Koerner (1996, p. 57) argumenta que “as teorias linguísticas não se desenvolvem em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica”. Dessa forma, um estudo sobre o surgimento e desenvolvimento da Sociolinguística, como subárea do conhecimento linguístico, no campo da Linguística, deve mostrar a interação dessa disciplina com outras áreas do conhecimento humano que compreendem o estudo da língua e da sociedade como algo indissociável.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

3.1. Os primeiros estudos *sócio-linguísticos* na Europa e nos Estados Unidos

3.1.1. A contribuição da Linguística

Os debates por uma Linguística que incluísse a vida social dos indivíduos não foram uma criação dos anos 1960 nos Estados Unidos. Preocupações advindas da interrelação língua-cultura-sociedade estiveram presentes nas discussões de pesquisadores europeus do final do século XIX e início do século XX, sobretudo em Antoine Meillet e seus alunos.

Devem-se reconhecer, além disso, os esforços daqueles cuja compreensão da língua rompeu com a visão geralmente associada com as ideias propostas por August Schleicher (1821-1868) e Max Müller (1823-1900), de que os estudos sobre a linguagem deveriam ser localizados dentro das ciências naturais e de que a língua deveria ser tratada como um organismo vivo. Konrad Koerner (2002, p. 259) citou os estudos de William Dwight Whitney (1827-1894) nos Estados Unidos, de Michel Brèal (1832-1915) na França, de Hermann Paul (1846-1921) na Alemanha, de Baudouin de Courtnay (1846-1929) na Rússia, entre outros, como sendo pioneiros nos estudos dessa natureza. Para esses estudiosos, o estudo da língua não deveria ser comparado aos das ciências da natureza, mas reivindicavam que seu estudo deveria ser realizado da mesma forma que os estudos dos objetos das ciências sociais.

Da mesma forma, Saussure (2006, pp. 11-12), reconhecendo os esforços dos fundadores da escola neogramática, como Karl Brugmann (1849-1919), Hermann Osthoff (1847-1909), Wilhelm Braune (1850-1926), Eduard Sievers (1850-1932), Hermann Paul (1846-1921) e August Leskien (1840-1916), declarou que graças a eles "não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos". Saussure (2006, pp. 11-12; 17-18) citou ainda o trabalho pioneiro de Whitney, para quem a língua era uma "instituição social" da mesma forma que todas as outras. Por causa disso, Koerner (*op. cit*., p. 260) argumentou que a influência de Whitney, Paul e Baudouin de Courtenay, em Saussure, sugere que este não precisou de Émile Durkheim para ser capaz de caracterizar a língua como um "fato social".

Calvet (2006, p. 17) construiu um percurso histórico que parte da conceituação de língua feita por Antoine Meillet (1866-1936), ex-aluno de Saussure, aos estudos de Alf Sommerfelt (1892-1965) e Marcel Cohen (1884-1974). Dessa forma, no mesmo período em que Meillet, enquanto contribuía com o jornal de Emile Durkheim *L'année de sociologique*, definia sua conceituação de língua como um fato social, Raoul de la Grasserie, em um artigo denominado "*De la sociologie linguistique*", de 1909, lançava a ideia de "sociologia da linguagem". Calvet assinalou, então, que boa parte do que se discute atualmente sobre essas questões já estava posta naquela época, porém, esses trabalhos eram desenvolvidos independentes um do outro, sem relação aparente.

A argumentação de Calvet (*op. cit*., p. 18) é de que Meillet, embora (que é geralmente visto como tendo elaborado conceitos básicos para os estudos sociolinguísticos) tenha desfrutado de grande prestígio acadêmico, jamais elaborou uma teoria linguística baseada no conceito de língua como um "fato social". Entretanto, como se observará a seguir, a conceituação de língua dada por Meillet e a forma como ele compreendia o processo da mudança linguística foram fundamentais no desenvolvimento de pesquisas feitas por seus alunos em estudos dessa natureza. Segundo Meillet, por ser a língua uma instituição social, a Linguística deveria ser uma ciência social, e a mudança linguística deveria ser explicada pelo estudo da mudança social:

> (...) o fato de a linguagem ser uma instituição social, resulta no fato de a Linguística ser uma ciência social, e o único elemento variável no qual se pode recorrer para compreender a mudança linguística é a mudança social (...). Será necessário determinar a qual estrutura social corresponde uma dada estrutura linguística e como, de maneira geral, as mudanças da estrutura da sociedade se traduzem em mudanças da estrutura linguística (MEILLET, 1948[1906], pp. 17-18).[1]

Em 1938, o linguista norueguês Alf Sommerfelt, ex-aluno de Meillet, apresentou as primeiras descrições *sócio-linguísticas* de uma língua. Sommerfelt inicia seu livro *La Langue et la Société*: *caractères sociaux d'une langue de type archaïque*' dizendo que seu trabalho era uma tentativa de se estabelecer uma linguística sociológica: "como a linguagem é um fato social (…), dever-se-iam utilizar os mesmos métodos gerais da sociologia que seriam relacionados aos métodos específicos da Linguística" (SOMMERFELT,

[1] Traduzido do francês.

1938, p. 6 *apud* CALVET, 2006, p. 18).[2] Nesse trabalho Sommerfelt citou Meillet, a cuja memória o trabalho é dedicado. Mais especificamente, ele se apoia em Durkheim (1858-1917), Mauss (1872-1950), Malinowski (1884-1942), Lévy-Bruhl (1857-1939) e Radcliffe-Brown (1881-1995), os maiores sociólogos e antropólogos da época.

Outro ex-aluno de Meillet, Marcel Cohen, também se dedicou a compreender as relações entre língua e sociedade. Segundo Calvet (*op. cit*., p. 20), em seu livro *Matériaux pour une sociologie du langage* (1956), Cohen dedicou-se à compreensão de temas variados como língua e grupos sociais, língua da cidade, língua do campo, língua distinta, língua comum, a disseminação da língua dos conquistadores e contato linguístico. Todos esses temas se desenvolveriam mais tarde dentro da ampla subárea de estudos denominada de Sociolinguística.

Como se vê, embora Meillet não tenha se dedicado a estudar os aspectos sociais da língua, a forma como ele compreendia a natureza desse objeto foi transferida para seus alunos que buscaram desenvolver abordagens para o estudo da língua com relação à vida social. Além disso, Konrad Koerner (2002, p. 263; 267) incluiu Joseph Vendryes (1875-1960) e André Martinet (1908-1999) entre os ex-alunos de Meillet que desenvolveram importantes estudos sobre mudança linguística.

Vendryes compartilhava profundamente das visões do mestre sobre a natureza social da linguagem e do desejo de estabelecer uma linguística sociológica. Segundo Koerner, sua preocupação, assim como a de Meillet, era apontar as causas da mudança linguística e não simplesmente descrever o mecanismo da evolução linguística, prática comum entre os mais tradicionais linguistas históricos indo-europeístas. Para Vendryes, a língua era o fato social por excelência, resultado do contato social, e o principal elo entre os indivíduos (cf. VENDRYES, 1951, p. 11 *apud* LABOV, 1991[1972], p. 263).

Martinet desenvolveu estudos sobre seu dialeto nativo, publicado em 1946. Além disso, deve-se enfatizar o fato de que esse linguista sempre esteve, particularmente, interessado em estudos sobre a mudança linguística, interesse que, sem dúvida, passou para Weinreich e deste para Labov. Os estudos feitos por Martinet foram de grande importância para as pesquisas iniciais de Labov sobre a mudança sonora do dialeto da ilha de *Martha's Vineyard* e de Nova Iorque.

Koerner (*op. cit*., pp. 263-264), procurando estabelecer uma conexão entre o pensamento de Whitney e o desenvolvimento da Sociolinguística, desenvolveu algo que ele chamou de *genealogia*. A conceituação de fala feita por William Whitney certamente influenciou Saussure e sua conceituação do objeto da Linguística (cf. SAUSSURE, 2006[1916], pp. 21 e 27). Koerner (*op. cit*., p. 260), assim, reconstituiu o pensamento sociolinguístico atual, partindo do pensamento de Whitney que foi fonte para as ideias de Saussure, através da seguinte passagem:

> A fala não é uma posse particular, mas social: ela pertence não ao indivíduo, mas ao membro da sociedade. Nenhum item de uma língua existente é fruto do esforço de um indivíduo; pois o que individualmente escolhemos dizer não é língua até que seja aceito e empregado por nossos compatriotas. Todo o desenvolvimento da fala, embora iniciado por atos de indivíduos, é forjado na comunidade (WHITNEY, (1971[1867], p. 100).[3]

Durante os anos em que Saussure lecionou em Paris, um de seus alunos mais distinto era Antoine Meillet (1866-1936). Dessa forma, dando sequência a genealogia proposta por Koerner, o linguista suíço será conectado ao linguista francês. Meillet, que sempre se interessou pelo estudo da mudança linguística, teve André Martinet (1908-1999) como aluno. Martinet se mudou para os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial e, enquanto lecionava na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, orientou Uriel Weinreich (1926-1967) em suas pesquisas de Mestrado e Doutorado. Finalmente, William Labov, considerado a figura central na pesquisa sociolinguística a partir da década de 1960, concluiu mestrado (1963) e doutorado (1966) sob a orientação de Weinreich.

Essa *genealogia* proposta por Koerner se assemelha a uma *corrente de influências* que, devido às relações acadêmicas desses linguistas e às conceituações e abordagens semelhantes que eles propuseram, vai de Whitney a Labov e aos estudos sociolinguísticos contemporâneos. A proposta de Koerner, embora reconhecida pelo autor como muito simplista, é, contudo, digna de consideração, uma vez que Labov, frequentemente, faz referência aos trabalhos de Whitney, Saussure, Meillet, Martinet, entre outros,

[2] Traduzido do inglês.
[3] Traduzido do inglês.

geralmente, com muito entusiasmo. Sobretudo, ao analisar sua trajetória como linguista e suas teorias para o estudo da língua no século XX, Labov (1991[1972], pp. xiv-xv) dizia não saber, ao certo, quais ideias trouxera para a Linguística e quais adquirira de Weinreich. Porém, as argumentações de Koerner não devem ser tomadas como conclusivas e com implicações necessárias das relações intelectuais que são passadas de um professor para seu aluno e, assim, sucessivamente.

3.1.2. A contribuição da Antropologia

Dell Hymes (1927-2009) disse que terminologias que ligam a Linguística com as ciências sociais, especialmente com a Antropologia, constituem uma antiga história: "pode-se relacionar o uso dos termos *Filologia Etnográfica*, *Etnologia Filológica*, *Antropologia Linguística*, e outros, com pelo menos a metade do século XIX" (HYMES, 1974, p. 82).[4]

Roger W. Shuy (2003, pp. 5-6) afirmou que houve quem dissesse que a Sociolinguística é, na verdade, uma moderna versão do que se costumava chamar de *Linguística Antropológica*. Argumentou também que a Antropologia americana sempre reconheceu a língua como uma área do seu domínio, provavelmente por causa de sua importância nos estudos indianistas americanos.

Hymes, que se doutorou em 1955, em Linguística, tendo pano de fundo de seu trabalho a Antropologia e o Folclore, declarou que esses "*três campos*, que Boas havia juntado (em si) em uma pessoa e um campo na Universidade de Colúmbia no período de fundação da Antropologia americana, ainda permaneciam estreitamente interligadas em Indiana" (HYMES, 1975a, p. 360 *apud* MURRAY, 1998, p. 100).[5] Hymes, além disso, invocava sua herança sapiriana para legitimar um amplo escopo para a Linguística: um comprometimento com as línguas indígenas norte-americanas, com as questões do uso linguístico e com as investigações históricas.

Uma das primeiras indicações sobre o futuro desenvolvimento da Sociolinguística foi, segundo Shuy, elaborada no livro *Horizons of Anthropology*, editado por Sol Tax (1964). Nesse livro, Del Hymes observou que o fato das características linguísticas se destacarem entre os estudos linguísticos antropológicos, na primeira metade do século XX, tratava-se de uma busca por autonomia. No entanto, ele previa que na segunda metade do século os estudos linguísticos buscariam a integração (cf. HYMES, 1964b, p. 92; SHUY, 2003, p. 6).

Shuy argumentou que desde a década de 1950, Dell Hymes já oferecia cursos denominados *Língua e Cultura* no *Departamento de Relações Sociais* em Harvard. Hymes apontava para a necessidade de os cientistas sociais saberem como controlar as formas linguísticas, além de controlar as avaliações sociais das variedades linguísticas.

Hymes deixou Havard em 1960 e foi para Berkeley. Embora seus contatos em *Harvard* (*Ervin-Goffman, Charles Frake, Charles Ferguson*, entre outros) tenham sido importantes para a formação de um grupo preocupado com questões em comum, somente após sua ida para a Califórnia (*Berkeley*) é que esse grupo foi formado. *Dell Hymes*, *John Gumperz* e *Ervin-Trip*, juntamente com o sociólogo *Ervin Goffman*, formaram um grupo de estudos que se encontravam ocasionalmente aos sábados. A eles se juntaram o antropólogo *Ethel Albert*, o folclorista *Alan Dudes*, os filósofos *John Searle* e *David Schroeder*, e o psicólogo *Dan Slobin*. *Gumperz* e *Hymes* eram, ainda, bem ligados com alguns antropólogos de *Stanford*. Assim, etnolinguistas de *Berkeley* e *Stanford* se encontraram frequentemente nos primeiros anos da década de 1960, além de encontros eventuais com o sociólogo *Harold Garfinkel*, na Universidade da Califórnia. Essa "rede" formou as bases para as sessões de 1962 da *Kroeber Antropology Society* e da *Southwest Antropology Association*. Essas abriram as portas para a Sessão de 1963 da *American Antropological Association* em São Francisco. Encorajados por George Spindler, editor da *American Antropologist*, Gumperz e Hymes prepararam juntos uma edição especial da *American Antropologist*, baseada nessas sessões, publicada em 1964 (cf. MURRAY, 1998).

Nos anos 1960, Hymes propôs uma disciplina chamada *Antropologia Linguística*, definindo-a amplamente como o estudo da língua em um contexto antropológico. Em seus estudos, Hymes observou que campos como a Antropologia e a Linguística dividiam algumas características, mas não coincidiam. Após os debates iniciais por uma nova forma de fazer linguística, Hymes propôs sua abordagem localizando-a dentro da área da Sociolinguística: "a Linguística que pode contribuir para a Etnografia da Comunicação é agora

[4] Traduzido do inglês.
[5] Traduzido do inglês.

amplamente conhecida como Sociolinguística, (...). Tal abordagem dentro da Sociolinguística pode ser chamada, mantendo o termo geral, Etnografia da Comunicação, o estudo da Etnografia da Fala" (HYMES, 1974, p. 8).[6]

3.1.3. A contribuição dos estudos dialetológico-geográficos

Outra área de conhecimento de quem a Sociolinguística tomou algumas características foi, segundo Shuy (2003), a Geografia Linguística, cujos primeiros estudos remontam a Georg Wenker (1852-1911), final do século XIX, na Alemanha. O foco dos esforços de Wenker estava na rica variação que caracterizava a língua alemã. Dessa forma, ele enviou quarenta frases que continham palavras que variavam dependendo da pronúncia local, para centenas de professores de vilas alemãs que as responderam, criando assim um banco de dados que ainda atualmente existe em *Marburg*.

Ainda segundo Shuy, no ano de 1896, o suíço Jules Gilliéron (1854-1956) organizou e dirigiu o projeto que resultou na publicação do *Atlas Linguistique de la France* entre os anos 1902 e 1910. Gilliéron acreditava que seria possível alcançar as mais precisas e consistentes representações das falas dos informantes da época se um único pesquisador de campo com bom treinamento fonético entrevistasse os indivíduos e transcrevesse suas falas foneticamente. Dessa forma, enviou Edmond Edmont em sua bicicleta por várias cidades francesas. No final de um período de quatro anos, Edmont completou o questionário de 200 questões, com 700 informantes, e o *Atlas* foi publicado.

Koerner (2002) argumentou que os ex-alunos desses eminentes estudiosos, Wenker e Gilliéron, como Jacob Jud (1882-1952), Karl Jaberg (1877-1958) e Paul Scheuermeier (1888-1973), entre outros, foram os responsáveis pelo volumoso *Atlas linguistique et ethnografique de l'Italie et de la Suisse méridionale* (JABERG & JUD, 1928-1940). Além disso, buscando relacionar os estudos dialeto-geográficos com o empreendimento sociolinguístico, Koerner mencionou o fato de Max Weinreich (1894-1969), pai de Uriel Weinreich (1926-1967), ter defendido sua tese de doutorado sobre o iídiche sob a orientação de Ferdinand Wrede (1863-1934), sucessor de Wenker na Universidade de Marburg, Alemanha.

No entanto, para Koerner, o fato mais importante talvez seja o de que, no ano de 1931, os dialetólogos suíços Jacob Jud e Paul Scheuermeier tenham ido aos Estados Unidos para treinar estudantes americanos em estudos dialetológicos de campo. Esse projeto foi uma iniciativa do austríaco, radicado nos Estados Unidos, Hans Kurath (1891-1992) e foi subsidiado pelo *American Council of Learned Societies*. Um dos jovens estudantes que participou do curso foi Raven I. McDavid (1911-1984) que, mais tarde, colaborou com o projeto do *Linguistic Atlas of New England*, editado por Kurath (1943).

É importante ainda mencionar que na ocasião da pesquisa sobre o inglês de *Martha's Vineyard*, Labov declarou ter sido beneficiado por ter os registros do Atlas Linguístico de *New England* como referência para a investigação (LABOV, 1991[1972], p. 4). O foco dos estudos de Labov era a mudança em progresso dos ditongos (ay) e (aw). Dessa forma, o *Atlas* serviu como uma fonte de comparação entre as formas registradas pela equipe liderada por Kurath e as encontradas por Labov trinta anos depois.

Segundo Shuy (2003), o *Atlas* americano, tradicionalmente, buscou obter informantes de classes sociais variadas em comunidades mais urbanas, mas foi Raven I. McDavid quem fez a mais clara conexão entre fatores sociais e variáveis fonológicas. Em seu artigo, *Postvocalic /r/ in South Carolina*: *A Social Analysis* (1948), observou que em comunidades onde o /r/ pós-vocálico ocorria com constrição, três variáveis ocasionavam sua redução: os falantes mais urbanos, mais jovens e mais educados. Esse tipo de pesquisa sensível às influências sociais não era comum até os anos de 1960, quando estudos em variação linguística entraram em amplo desenvolvimento.

Segundo Koerner (2002), afastados desses desenvolvimentos que ocorreram de forma aparentemente relacionados, estão os trabalhos de Philipp Wegener (1848-1916) e Richard Löwe (1863-1942). Koerner apontou os trabalhos desses dialetólogos como ocorrências de estudos que reconheceram componentes sociais em estudos de variação linguística. Percebe-se na avaliação Wegener algo que ficou bastante difundido através dos estudos sociolinguísticos. Trata-se do *prestígio linguístico* ou *variante de prestígio*.

> Na região de *Magdeburg*, os trabalhadores rurais vão para as cidades em grande número para trabalhar na área de edificações e em fábricas. O trabalho em conjunto os coloca em contato regular com trabalhadores urbanos; o trabalhador rural alemão, geralmente, não se importa por ser influenciado pela fala comum dos habitantes da cidade, e quanto maior for

[6] Traduzido do inglês.

> a diferença de seu dialeto rural, maior o seu apreço pelas vantagens da vida urbana (WEGENER, 1891, p. 937 *apud* KOERNER, 2003, p. 262).[7]

Sem pretender estabelecer qualquer relação desse estudo com os estudos sociolinguísticos e, principalmente, com os estudos de William Labov (pelo menos não há citação desse autor em seus trabalhos principais), pode-se, ao menos, fazer uma analogia entre esse trabalho de Wegener e o de Labov sobre a estratificação social do /r/ em lojas de departamentos em Nova Iorque (cf. LABOV, 1966).

3.1.4. A contribuição da Sociologia

Deve-se destacar, finalmente, o papel fundamental que a Sociologia desempenhou no processo de desenvolvimento e maturação da Sociolinguística. Shuy (2003) apontou um período para o estabelecimento da Sociolinguística que vai de maio a agosto de 1964 e apresentou dois fatores que foram determinantes para seu estabelecimento. O primeiro fator é o de que em maio de 1964, o *Center for Research in Language and Linguistics* da Universidade da Califórnia ofereceu uma conferência sobre Sociolinguística em *Lake Arrowhead*, Califórnia. Os artigos dessa conferência foram publicados em um volume com o título de *Sociolinguistics* (BRIGHT, 1966).

Shuy assinalou que na época desse evento um bom número de pesquisadores estava investigando a relação entre língua e sociedade. Entre eles estavam personalidades, de áreas diversas, que foram fundamentais na consolidação dessa disciplina: Henry M. Hoenigswald (1915-2003), John Gumperz (1922), Einar Haugen (1906-1994), Raven I. McDavid (1911-1984), Dell Hymes (1927-2009) William Bright (1928-2006), Paul Friedrich (1927) e Charles Ferguson (1921-1998) e o novato William Labov (1927-).

O segundo fator, segundo Shuy, foi a criação de dois cursos a serem oferecidos no *LSA Summer Institute* de 1964, cerca de um mês depois da conferência de *Lake Arrowhead*. Esses cursos, denominados *Language and Society* e *Sociolinguistics*, foram ministrados, respectivamente, por John Gumperz e Charles Ferguson. Além desses fatores, Shuy (2003) afirmou que o *LSA Summer Institute* deu outro ímpeto para o desenvolvimento do estudo da variação linguística. As publicações dos trabalhos apresentados nesse evento do ano seguinte, organizados por Shuy (1965), focalizavam a igualdade dos dialetos, a necessidade de pesquisa em língua urbana, a adequação de abordagens passadas à pesquisa em dialetologia, a utilidade de informação pedagógica mais intensa sobre a variação linguística, e se variedades não-padrão deveriam ser eliminadas ou adicionadas ao ensino do inglês padrão.

Por causa da emergência das discussões evidenciadas nesses eventos, em abril de 1966, sociólogos organizaram um seminário de Sociolinguística como parte do encontro anual da *Ohio Valley Sociological Society*. Hymes (1966 *apud* Shuy, 2003, p. 7) salientou que uma das perguntas mais proeminentes feitas naquele encontro foi: "onde um sociólogo deve ir para estudar sociolinguística?". Para tratar dessa questão mais profundamente, um encontro seguinte foi realizado três meses depois em *Los Angeles*, casa do linguista e antropólogo William Bright (1928-2006).

Segundo Shuy (2003), após os eventos que marcaram o surgimento da Sociolinguística, essa disciplina pareceu andar em harmonia com as disciplinas que a informaram de alguns conceitos, como a Antropologia e a Sociologia. Shuy ressaltou, entretanto, que os linguistas começaram a mostrar pouco interesse que seus alunos buscassem conhecimento dentro do escopo dessas outras disciplinas. Labov, por exemplo, argumentava que a quantidade de conhecimento linguístico necessário para produzir mudança no caráter básico da pesquisa em Linguística era tão enorme que ele preferia ensinar apenas aqueles que estavam envolvidos com essa área. Da mesma forma, os estudantes de Antropologia e Sociologia pareciam se afeiçoar aos estudos linguísticos, mas não o suficiente para fazer o tipo de trabalho visualizado por Dell Hymes, Joshua Fishman, Erving Goffman, entre outros.

Shuy deu ênfase ao fato de a sociedade americana, nessa década, estar atravessando um período de crescentes problemas relacionados com a segregação racial, educação e estrutura social. Para o autor, tais problemas eram claros o suficiente e essas três disciplinas possuíam algumas das ferramentas necessárias para lidar com eles, mas não independente uma das outras. Esses campos, no entanto, enfrentaram os problemas tradicionais que os acadêmicos frequentemente enfrentam. Shuy assinalou que os cientistas sociais não queriam desistir de nada em favor de conhecimentos linguísticos. Tampouco os linguistas queriam desistir de algo em favor do conhecimento das ciências sociais. Cada grupo queria manter seu

[7] Traduzido do inglês.

próprio campo, objetivos e construção teórica, enquanto se aproveitava o quanto podia dos construtos do outro.

Segundo Shuy (*op. cit.*), no final da década de 1960, várias linhas de abordagens estavam em amplo desenvolvimento, como a Dialetologia que já existia há cerca de um século, o Contato Linguístico evidenciado pelos trabalhos de Charles Ferguson, Einar Haugen, Uriel Weinreich, Joshua Fishman, e outros, fazia-se fortemente notável, e a Etnografia da Comunicação causou grande impacto em um curto espaço de tempo. Todas essas áreas se ocupavam da língua em seu contexto social e todas eram compostas por pesquisadores que se consideravam como fazendo Linguística. Em meio ao desenvolvimento dessas disciplinas o termo *Sociolinguística* começou a surgir em catálogos de cursos universitários, em artigos de jornais e títulos de livros.

3.1.5. A origem do termo Sociolinguística

A história do surgimento do termo S*ociolinguística* e de seu provável criador já fora bastante discutida nos estudos que buscam apresentar uma visão histórica sobre o desenvolvimento da disciplina. Porém, não há muita harmonia entre as explicações. J. K. Chambers, em seu *Sociolinguistic Theory* (1995, p. 15), aponta o ano de 1952 como sendo a data em que esse termo foi usado pela primeira vez, atribuindo, da mesma forma, sua autoria ao filósofo norte-americano Haver Cecil Currie (1908-1993). Shuy (2003, p. 11) também fez referência ao uso desse termo por Currie em 1952 e, enfatizando o fato desse termo ter sido cunhado nessa época, disse que na terceira edição do *Webster's New International Dictionary* (1961) não havia nenhuma referência a essa terminologia.

Currie, que também reivindica ter cunhado esse termo, em um artigo intitulado *A Projection of Socio-Linguistics*: *The relationship of speech to social status* (1952), observou que embora as definições dos linguistas sobre a língua, convencionalmente, incluíssem uma cláusula sobre sua função social, nas pesquisas desenvolvidas na época, qualquer consideração sobre essa função era ignorada.

Paulston & Tucker (2003) argumentam, no entanto, que esse termo foi aparentemente criado ainda em 1939 por Thomas Callan Hodson (1871-1953) como título de um artigo, *Sócio-linguistics in Índia*: *Man in India*, publicado em um jornal de Antropologia. Ainda para Paulston e Tucker, esse termo foi usado pela primeira vez na Linguística por Eugene Albert Nida (1914-) em 1949, na segunda edição de seu *Morphology*. No *Capítulo VI* de seu livro, que trata do significado dos morfemas, Nida argumentou que "não há nada intrínseco a respeito dos valores semânticos; eles são ditados simplesmente pelas reações dos usuários da língua ao ambiente *sociolinguístico*" (NIDA, 1949, p. 152, *ênfase acrescentada*).[8] Nesse Capítulo, Nida introduziu três princípios básicos que governam a análise e classificação semântica dos morfemas. No item que trata do segundo princípio, *Meaning is definable by environment*, o autor mencionou que o significado de toda palavra e frase deve ser aprendido em seu contexto *sociolinguístico.*

Konrad Koerner (2002, pp. 272-273) citou ainda outra ocasião em que o termo *Sociolinguistics* precedeu ao texto de Currie. Trata-se do discurso de posse de Heinar Haugen (1906-1994), como presidente da *Linguistic Society of America*, em dezembro de 1950 (impresso em 1951).

Deve-se, no entanto, atentar para o fato de que essa terminologia não foi adotada imediatamente. Houve até quem, por exemplo, se recusasse a usar esse termo pra se referir à disciplina que tratava da língua em seu contexto social. O caso mais conhecido é o do próprio Labov (1991[1972], p. viii) que declarou ter resistido à terminologia, uma vez que ela implicava a existência de uma ciência linguística que não fosse social. Com relutância, no entanto, ele adotou ao termo Sociolinguística por considerar que uma Linguística socialmente realista se tratava de um prospecto remoto nos anos de 1960.

3.1.6. A contribuição das pesquisas de Labov

O surgimento da Sociolinguística encontra-se cercado de um sentimento de crescentes preocupações que ocupou os espaços dos debates sobre a língua e a sociedade a partir da segunda metade do século XX. Esses debates ganharam uma dimensão grandiosa com a colaboração dos trabalhos iniciais de William Labov. Seu primeiro estudo tratou da mudança sonora que afetava os ditongos (ay) e (aw) na ilha de *Martha's Vineyard* – Massachusetts. Essa pesquisa constituiu sua dissertação de Mestrado, com o título de *The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard, Massachusetts* (1963). Sua segunda pesquisa, também a mais importante, constituiu-se de uma pesquisa sobre os efeitos das diferenças

[8] Traduzido do inglês.

de classes nos dialetos da cidade de Nova Iorque. Esse trabalho compôs sua tese de doutorado com o título de *The Social Stratification of English in New York City* (1966).

Apesar dos esforços iniciais de William Bright (1966) e Joshua Fishman (1972) em conceituar e delimitar o campo de atuação da Sociolinguística, suas teorias tiveram menor impacto que as pesquisas desenvolvidas por Labov. J. K. Chambers (1995) fez referência também às pesquisas realizadas por Fisher (1958), em que prefiguravam a maior parte dos componentes sociolinguísticos essenciais, e ao estudo de Louis Gauchat (1905) sobre o patoá francês falado na cidade de Charney – Suíça, que teria quebrado as convenções tradicionais da dialetologia ao correlacionar as mudanças apresentadas com as variáveis *sexo* e *idade* dos informantes. Não obstante, Chambers afirmou que as pesquisas feitas por Labov sobre o inglês falado na ilha de *Martha's Vineyard* e sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque foram tão, enormemente, importantes que são, inquestionavelmente, o marco inicial das pesquisas em Sociolinguística.

Esses argumentos se tornam ainda mais interessantes ao se pensar que Labov só iniciou seus estudos em Linguística em 1961. No entanto, ele teve a oportunidade de apresentar o resultado de suas pesquisas nos principais eventos, mencionados anteriormente, como os encontros da *Linguistic Society of America* de (1962, 1963 e 1964), além do encontro da *Ohio Valley Sociological Society* (1966) e de Los Angeles (1966). Segundo Koerner (2002), os convites iniciais para esses eventos haviam sido direcionados a Uriel Weinreich, orientador de Labov, o que só torna esses acontecimentos mais interessantes. Labov apresentou os resultados da pesquisa de *Martha's Vineyard* diante da *Linguistic Society of America*, em 1962, e suas ideias foram muito bem recebidas.

Koerner argumentou que, por uma curiosa coincidência, Zellig S. Harris (1909-1992), orientador de Chomsky (1951, mestrado, 1955, doutorado) na Universidade da Pensilvânia, havia cedido ao seu aluno uma oportunidade, talvez ainda mais importante, de apresentar suas ideias no 9º Congresso Internacional de Linguística que aconteceu em Cambridge, Massachusetts, em 1962, mesmo ano em que Labov apresentou sua impactante pesquisa de mestrado. Dessa forma, ao comentar a meteórica ascendência das ideias de Labov, Koerner, apoiado nos argumentos de Calvet (1999, p. 47) e Murray (1994, p. 377), salientou que o fato de Weinreich ter oferecido a Labov sua vaga nesses eventos não foi meramente por causa de sua saúde fragilizada[9]. O que provavelmente estava acontecendo, de fato, era que Weinreich parecia ser a única pessoa que tinha, na época, uma estratégia para o desenvolvimento da Sociolinguística e, em particular, para a carreira de Labov.

4. CONCLUSÃO

Este texto buscou evidenciar os percursos construídos por diversos pesquisadores da Linguística nos séculos XIX e XX que visavam a aproximação da área com os elementos externos de seu objeto de estudo, sua contraparte sociocultural. A observação de tais percursos permitiu relacionar os estudos linguísticos realizados na Europa do final do século XIX e início do século XX com o desenvolvimento da Sociolinguística nos Estados Unidos nos anos 1960.

Permitiu, além disso, observar que a interação entre pesquisadores ligados à Linguística, à Antropologia e à Sociologia, sugere que a Sociolinguística se constituiu, também, dos construtos fornecidos por essas áreas e pelos estudos dialeto-geográficos. Foi possível também perceber como o espírito de época movia as relações entre tais pesquisadores, pois, apesar de suas abordagens partirem de pontos-de-vista diferentes, todos esses campos de estudo tinham na língua um objeto comum.

A Linguística, porém, parecia ser a única a ignorar que a cultura e a vida social dos indivíduos estavam intimamente relacionadas com suas formas linguísticas. Logo, essa interação foi fundamental para a formação dos componentes básicos dos estudos sociolinguísticos. Observou-se que esses debates por uma linguística que incluísse a vida social dos indivíduos não foi uma criação dos anos 1960, nos Estados Unidos, mas esteve presente nas discussões de pesquisadores europeus do final do século XIX e início do século XX, sobretudo em Meillet e seus alunos.

Pôde se observar, dessa forma, que o desenvolvimento da Sociolinguística na América representou um processo natural de desenvolvimento dos estudos linguísticos europeus. Notadamente, embora Labov fosse o menos experiente dos envolvidos no debate por uma mudança de paradigma nos estudos linguísticos, foram suas pesquisas de Mestrado e Doutorado que motivaram a maior parte dos estudos sociolinguísticos posteriores à criação da nova subárea da Linguística.

[9] Weinreich morreu de leucemia em 1967 aos 41 anos.

5. REFERÊNCIAS

BURKE, P.; PORTER, R. (Orgs.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. São Paulo: UNESP, 1993. Trad. de Álvaro Luiz Hattnher.

CALVET, L-J. Reflections on the origins of sociolinguistics in Europe. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs.). **Sociolinguistics**: The essential readings. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory:** linguistic variation and its social significance. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 1995.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989[1974].

KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Lingüística. Revista da ANPOLL, Nº 2, pp. 45-70, 1996.

_____. **Toward a history of American Linguistics**. Routlege: London & New York, 2002.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Cambridge: University Press, 2006[1966], 2ª edição ampliada.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

_____. **Principles of linguistic change**: Social Factors: volume 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.

MARRA-SILVA, D. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. Goiânia: UFG, Dissertação de Mestrado, 2009.

MEILLET, A. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1918].

MURRAY, S. **American Sociolinguistics**: Theorists and Theory Groups. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1998.

NIDA, E. **Morphology:** The Descriptive Analysis of Words. Michigan, University of Michigan Press, 1949.

PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. **Sociolinguistics:** The essential readings. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006[1916]. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein.

SHUY, R. A brief history of American Sociolinguistics 1949-1989. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Orgs.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

WHITNEY, W. Language and the study of language. In: SILVERSTEIN, M. (Org). **Whitney on language:** selected writings of William Dwight Whitney. Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press, 1971, (texto original, 1867).